

Vida em Movimento: histórias que passam pela Estação Rodoviária de Caxias do Sul¹

Isadora Birck GUERRA²

Dimas Vinícius Ragazzon DAL ROSSO³

Marco Antônio de MATOS⁴

Micaela Lüdke ROSSETTI⁵

Pedro Henrique ZANROSSO⁶

Adriana dos Santos SCHLEDER⁷

Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS

RESUMO

O presente *paper* descreve o resultado das experiências de ensino e aprendizagem que professora e alunos obtiveram com a produção de um programa de televisão na disciplina de Laboratório de Produção Audiovisual I do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade de Caxias do Sul. No decorrer do segundo semestre do ano de 2012, um grupo de alunos escolheu trabalhar com o cotidiano das pessoas que passam pela Estação Rodoviária de Caxias do Sul. O objetivo foi contar parte da história desses viajantes por meio de um programa televisivo de meia hora, a fim de colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo das disciplinas de telejornalismo na universidade.

PALAVRAS-CHAVE: Vida em Movimento; rodoviária; jornalismo; televisão.

1 INTRODUÇÃO

O mercado brasileiro de televisão vive hoje um momento de transformações fundamentais. Deixa o padrão formal de lado e aposta em no jornalismo de percepção e de participação dos telespectadores. Porém, ainda não há como negar: existe algum interesse na mensagem transmitida pela TV tal e qual ela é. Mesmo entre as inúmeras críticas que surgem todos os dias contra a programação ou contra a própria existência da televisão, são poucos os que não a assistem.

Para Fernando Crocomo, em *TV Digital e Produção Interativa* (2007), vive-se então um período de transição interessante. Com o tempo, todo o sistema de edição e também o de transmissão estão sendo alterados. E com a digitalização e a edição não-linear, a

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Jornalismo, modalidade JO 06 – Produção Laboratorial em videojornalismo e telejornalismo.

² Aluna líder do grupo e estudante do 10º. semestre do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: ibguerra@ucs.br.

³ Estudante do 9º. semestre do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: dvrrosso@ucs.br.

⁴ Estudante do 10º. semestre do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: mamatos@ucs.br.

⁵ Estudante do 10º. semestre do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: mlrosset@ucs.br.

⁶ Estudante do 9º. semestre do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: phzanrosso@ucs.br.

⁷ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: asschled@ucs.br.

proximidade de jornalistas, cineastas e produtores com os equipamentos está se tornando inevitável. O entendimento do processo operacional deixa de ser exclusividade de técnicos. E isso tudo passa a ter uma integração forte com o conteúdo a ser produzido.

Com base na possível mudança da televisão ao longo dos próximos anos, alunos da disciplina de Laboratório de Produção Audiovisual I, do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul - desenvolveram um programa de meia hora intitulado *Vida em Movimento*. O objetivo foi encontrar histórias divergentes de pessoas na Estação Rodoviária da cidade, para que eles mesmos pudessem contar sua vida para os possíveis telespectadores.

Segundo Crocomo (2007), a TV, tal como conhecemos hoje, é de natureza unidirecional. Isso significa que os programas sempre foram criados de um para muitos. Essa é a origem da transmissão, da palavra *broadcast*. No entanto, hoje é possível perceber que a televisão entra na era da Internet, onde muitos produzem para muitos. Reitera-se ainda que falar em audiovisual não significa abranger apenas jornalismo de “bancada”. Portanto, a proposta do programa foi trabalhar com a diversidade de histórias e de imagens (principalmente de enquadramentos diferenciados), visto que não há ideias como esta sendo implantadas na região, em termos de televisão aberta.

A TV sempre foi vista como informação e entretenimento. E sempre que uma emissora busca credibilidade, a informação é apresentada nos moldes do jornalismo televisivo. É neste sentido que os telejornais são a principal referência. Mas a nova tecnologia pode levar a TV muito além. As emissoras, atentas a este movimento, reconhecem que precisam inovar e chamar a atenção do telespectador.

Para Luciane Bacellar e Luciana Bistane (2008), é uma oportunidade para se repensar o processo atual de produção e “quebrar a cabeça” para incorporar o que de melhor oferece o novo modelo. Aqueles que querem fazer televisão com conteúdo não podem se conformar com uma TV interativa que seja apenas uma possibilidade de comprar produtos ou que incorpore o sistema 3D em um telejornal.

O telejornalismo disputa a atenção dos telespectadores que buscam diversão nas programações. O público gosta de receber informação, mas de maneira interessante, comportamento que vale também para os jornais e revistas. Não é de hoje que os noticiários buscam capturar o público pela emoção. Essa preocupação existe desde os primórdios, quando o jornalismo tinha uma roupagem literária. Não levar em consideração essa característica é ingenuidade. (BACELLAR; BISTANE, 2008, p. 86).

Por estes motivos, é hora de inovar no conteúdo, não só do jornalismo propriamente dito, mas também do entretenimento, onde se encaixa o *Vida em Movimento*. Afinal, a cada dia que passa a TV sente mais a necessidade de vir para a rua e retratar a atualidade, a vida. “Só a notícia, acontecendo a cada milésimo de segundo, pode suprir esta boca voraz que é a televisão”. (GONTIJO, 1980, p. 105). Neste contexto, o programa reproduz parte da rotina diária de um local que abriga histórias que esperam vorazmente para serem contadas.

2 OBJETIVO

Além de proporcionar aos alunos experiências ímpares na produção, execução e pós-produção de programas televisivos, o objetivo deste trabalho também foi oferecer elementos para o estudante ampliar o conhecimento sobre o ambiente audiovisual, tendo em vista a convergência e integração das mídias audiovisuais.

Para Aline Maria Grego Lins, no artigo *A construção telejornalística sob o olhar processual* (2006), esse processo de construção de narrativa é coletivo e não-linear, permeado por diversas linguagens, como a verbal, visual e sonora ambiental. Para a autora, a produção telejornalística é, por essência, um processo com propósito, pois indica e segue rumos, busca alternativas. Por outro lado, é também um discurso que se constrói não só a partir do que foi “planejado”, mas do que é posto pelo acaso, como as situações vividas pelos alunos na rodoviária de Caxias do Sul.

Parte-se desse pressuposto desenvolver projetos dirigidos para a mídia audiovisual na sociedade contemporânea, onde as sensações e emoções voltaram a fazer parte do jornalismo, em qualquer segmento. Por isso, torna-se indispensável o debate sobre as referências teórico-práticas atuais do audiovisual, a fim de provocar a reflexão sobre as possibilidades da televisão como um todo no ambiente digital.

Conforme Cathrine Kellison, em *Produção e direção para TV e vídeo* (2007), o audiovisual como meio de comunicação teve um impacto singular na vida de milhões de pessoas em todo mundo, exercendo influência no modo como se percebe a cultura. Desde a década de 1950, a televisão surgiu como um catalisador global para mudanças políticas e sociais, afetando o modo como as pessoas aprendem e se comunicam. Nada mais justo do que passar essa cultura e esses aprendizados aos programas, novelas ou telejornais de uma forma bem característica.

A TV está em nossos lares e é uma faceta do nosso cotidiano que podemos desfrutar sozinhos ou em grupo. Sua presença pode ser uma fonte de contato humano e, devido ao imediatismo, ela é a principal fonte de informações para muitas pessoas. A TV criou um meio único de entretenimento no lar. Podemos escolher assistir a um drama de qualidade superior ou a programas que desafiam o nosso bom gosto. A variedade da programação está dividida entre centenas de canais que chegam aos telespectadores via cabo, satélite ou mesmo antenas comuns no alto dos telhados ou antenas bipolares. Mesmo assim, a televisão ainda é fonte de discussões e controvérsias. (KELLISON, 2007, p. 26).

Uma das intenções desse projeto foi propiciar oportunidades para a entrada dos estudantes no mercado da produção audiovisual, cinematográfica ou jornalística, incentivando-os a investigar alternativas diferentes para o segmento atualmente. E, ainda, estimular os alunos a desenvolver a crítica, embasada na ética jornalística, sobre os conteúdos constituídos no projeto.

É evidente que a TV traz imagens, memórias, emoções, casos, relatos, depoimentos, fantasias, jogos e tantas outras atividades que os meios eletrônicos podem produzir. Mas a tarefa de refletir o mundo e a posição do homem, por meio das sensações, está fora das telas, ainda mais da Internet.

3 JUSTIFICATIVA

Em um mundo repleto de jornalistas e empresas de comunicação que buscam incessantemente divulgar notícias em primeira mão – embora não necessariamente elas sejam verdadeiras ou idôneas – a televisão se tornou um aglomerado de jornais, semelhantes em sua essência, mas divergentes em seus conceitos. A emoção aparece na exploração de fontes, principalmente em tragédias, quando o *lead* já foi abordado por todos os meios. Desta forma, é possível que os telejornais e alguns programas diários de entrevistas acabem caindo na “mesmice”.

Frente a este dilema do audiovisual atualmente (apenas informar ou informar explorando sentimentos?), torna-se necessário abrir uma lacuna para um tipo de jornalismo menos “feroz”, porém, ainda informativo. A relevância do *Vida em Movimento* passa pela semelhança entre as rotinas de quem produz, apresenta, edita, assiste ou participa de um programa como este. Quem assistiu provavelmente já se encontrou em situações parecidas às de Márcio, Catarina, Daniel, Flávia, Marli, Nelci e/ou Paulo.

Neste caso, as sensações fazem parte do contexto, mas não deixam de lado o jornalismo, que ressurge chamando a atenção para a possível falta de mais horários de ônibus para o interior do Rio Grande do Sul ou para a rotina exaustiva de um motorista que

transporta mais de 40 vidas sob sua responsabilidade. O objetivo do programa foi estimular a reflexão sobre a própria vida e, a partir dela, encontrar o que grande parte das rodoviárias do estado abriga por um pequeno intervalo de tempo.

Para Crocomo (2007), a proposta de cada programa é que permite uma identificação ou não com o telespectador. Alguns formatos podem gerar interação entre as pessoas. Essa valorização surge com o uso da linguagem, quando o diálogo – tanto através de palavras, como imagens, expressões ou comportamentos – auxilia nessa apresentação das informações. A mensagem, muitas vezes, acaba sendo aproveitada, gerando conhecimento para o telespectador.

Ou seja, em meio a bombardeios de informação pela televisão (aberta ou por assinatura) ou até mesmo por vídeos na Internet, é necessário abrir espaço para o entretenimento informativo. São iniciativas como essas que garantem o futuro de uma televisão mais interativa, com uma programação elaborada para todos os tipos de telespectadores, sem necessariamente precisar assinar uma TV a cabo para fugir da notícia minuto a minuto.

Também é preciso deixar claro que em momento algum o passado deve ser esquecido. Pelo contrário, o que foi produzido deve ser revisto e, é a partir dele, que surgem novas propostas, novos programas. “É importante ainda o contraponto entre as tecnologias, enxergar suas utilidades para o que realmente interessa: o seu valor para chegarmos aonde queremos – a informação correta, o entretenimento, etc. As velhas mídias não desaparecem”. (CROCOMO, 2007, p. 40).

O autor ainda salienta que a opção para tornar viável a participação das pessoas na televisão do futuro é a produção em vídeo pelas comunidades, o envio dos vídeos e a posterior exibição em canal aberto de TV. É a proposta de um processo para que seja possível o exercício pleno da interatividade. Em outros níveis, os que não resultarem necessariamente em produção e envio de conteúdo, a proposta pode ser de valorização dos temas comunitários, que permitam a melhoria da qualidade de vida da população, como o caso da Rodoviária, que também mexeu com os sonhos e objetivos das pessoas que foram entrevistadas.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O grupo decidiu dar ao programa o nome de *Vida em Movimento* por se tratar de uma iniciativa onde a maioria das pessoas entrevistadas vive em trânsito, seja por meio da rodoviária, a pé, de avião ou navio.

Todo o material necessário (cerca de 3h entre imagens e entrevistas) foi coletado em duas externas, em horário de aula, das 16h30min às 19h30min, dos dias 23 e 30 de outubro de 2012. As gravações ocorreram na Estação Rodoviária de Caxias do Sul, com autorização prévia da administração do local.

Além dos refletores de iluminação, tripés e do microfone direcional (shotgun), foram utilizadas quatro câmeras, uma JVC D9 analógica-digital, uma Sony PD 150 MiniDV, uma câmera fotográfica Canon T3i com resolução em HD e uma Kodak Z3 Playsport HD. Utilizou-se a JVC para as entrevistas, a MiniDV para as imagens de apoio e a Canon T3i para os detalhes da rodoviária (como imagens de crianças, animais, malas). E, por fim, utilizou-se a Kodak Z3, com capacidade para ser acoplada em qualquer lugar, para a obtenção das imagens de saída de um ônibus, ou seja, a câmera foi afixada na lateral do veículo.

Os estudantes optaram por utilizar as imagens de apoio em preto e branco para dar mais dinamicidade e movimento ao programa. Esse efeito também dá ideia de bastidores, mostrando os alunos e o cinegrafista na produção do programa. Já que o tempo estipulado ficou em meia hora, houve uma preocupação em diversificar as tomadas de câmeras e também em focar ângulos que passam despercebidos aos olhos de quem simplesmente chega e sai da rodoviária tem todo dia.

Uma imagem é capaz de garantir a veiculação de um assunto que talvez nem fosse ao ar se o cinegrafista não tivesse a sorte de captar o flagrante. O inusitado, além de aliviar a tensão e a carga dos noticiários, desperta a curiosidade e atrai audiência. É de senso comum: imagens também dão credibilidade e força à notícia. Para Crocomo (2007), o uso de equipamentos diferentes é interessante na construção de um material audiovisual.

As câmeras amadoras, mas digitais, associadas ao uso dos computadores, permitiram experimentos interessantes. Caracterizar um equipamento digital como sendo amador não significa que o resultado final seja amador. Normalmente, saber utilizar boa luz, bons enquadramentos, um monitoramento adequado do som, além, é claro, ter um bom domínio de técnicas de entrevista e de texto, resulta em bons vídeos. (CROCOMO, 2007, p. 125)

Seguem alguns dos planos utilizados, segundo Kellison (2007, p. 157): primeiríssimo plano (olhos, boca ou parte de um objeto); plano de detalhe (close do rosto ou do objeto inteiro); plano médio (torso superior ou parte de um objeto e suas adjacências); plano conjunto (a maior parte do corpo, corpo inteiro ou um grupo de objetos, filmado entre o plano médio e o plano geral); plano geral (corpo inteiro ou grupos maiores de objetos); e grande plano geral (muitos corpos ou tomadas de paisagens).

Os sete entrevistados (quatro homens e três mulheres) foram escolhidos aleatoriamente por disponibilidade de tempo na Rodoviária. Todos assinaram uma autorização de imagem para a Universidade de Caxias do Sul, para fins acadêmicos. As entrevistas foram feitas por Pedro Henrique Zanrosso e Isadora Guerra. Houve um revezamento na apresentação do programa a fim de dinamizar o conteúdo e proporcionar diferentes visões acerca da vida de quem foi entrevistado. O perfil de entrevista dos dois alunos é semelhante, por isso surgiu a ideia de mesclar as vozes de quem teve como função extrair o melhor conteúdo das fontes.

Nota-se ainda que os rumos da produção audiovisual passam a ser cada vez mais ditados pelo uso de aparelhos pessoais convergentes, móveis, portáteis, como telefones com câmeras, mas também computadores de mão e *webcam*, que combinam muito bem com o par captura-transmissão. Por isso a variedade de câmeras, na esperança de conseguir aquele ângulo que jamais conseguiu aparecer em rede nacional tamanha a sua transposição para a realidade. Afinal, o entretenimento já parece não suportar os enquadramentos tradicionais.

Mais de 10 músicas compõem a trilha sonora do *Vida em Movimento*. A maioria delas foi baixada do site www.freeplaymusic.com, à exceção do CD da banda *Pata de Elefante*, que foi utilizado na íntegra pelo grupo, também disponível para *download* na Internet, portanto, de domínio público. Cada entrevistado ganhou uma trilha especial, assim como cada abertura e encerramento de bloco, totalizando 13 faixas.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O programa de televisão foi proposto pela professora Adriana Schleder na disciplina de Laboratório de Produção Audiovisual I do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade de Caxias do Sul, no segundo semestre de 2012. O grupo formado por cinco alunos optou por executar a atividade dada pela professora somente em gravações externas, a fim de reproduzir fielmente a rotina das pessoas envolvidas neste projeto.

O material possui 30 minutos, com vinheta de abertura, intervalos e encerramento (com roll). As entrevistas foram feitas por Pedro Henrique Zanrosso e Isadora Guerra. Sete pessoas, quatro homens e três mulheres, foram as fontes do trabalho. O programa foi dividido em três blocos. O primeiro, com duração de oito minutos e quinze segundos (8'15'') trouxe as histórias de Márcio Patzinger Volk, antropólogo, e Catarina Silva, comerciante. O segundo, com doze minutos (12'), mostrou um pouco da rotina de Daniel Motta, policial rodoviário, Flávia Costa, professora, e Marli Petrykowski, empresária. Já o último bloco, com nove minutos e quarenta e cinco segundos (9'45''), apresentou as entrevistas de Nelci Pelissari, motorista de ônibus, e Paulo Bocca, escritor contador de histórias.

As imagens são de Daniel Vargas, cinegrafista do Centro de Ciências da Comunicação (CECC) da UCS, e dos alunos Marco Antônio Matos e Dimas Dal Rosso. A locução dos OFFs foi de Pedro Henrique Zanrosso e Isadora Guerra. A arte das vinhetas de abertura, encerramento, intervalos e gerador de caracteres (GCs) foi feita pelo aluno Marcos Camargo. As vinhetas longas (de abertura e encerramento) chegam aos doze segundos (12''), já as de intervalo duram oito segundos (8''). A edição foi de Isadora Guerra, Micaela Rossetti e Daniel Vargas e, também responsável pela finalização do material. Ainda foram utilizadas 13 trilhas sonoras, uma para cada entrevistado, além das músicas introdutórias de cada bloco e/ou encerramento.

6 CONSIDERAÇÕES

Para o futuro há espaço para uma nova evolução. O exercício de pensar, planejar e produzir a nova TV aberta é que deve mostrar o rumo a lhe ser dado, passando a integrar esses novos recursos de interatividade no diálogo da TV. A televisão é o meio de comunicação mais moderno que existe, pois ela alterou as relações do homem com seu mundo, instituiu o hábito de recheiar as noites com vivências que seriam impossíveis durante o período diurno. Ela fixou socialmente a dispersão entre princípio de realidade e princípio de prazer, respectivamente o dia-a-dia de trabalho, o cansaço, o desgaste, a obrigação, o dever, e o descanso, o relaxamento, a tranquilidade, o sonho.

Como diz Ciro Marcondes Filho, em *Televisão: a vida pelo vídeo* (1988), o fascinante na TV é isso: a tensão entre momentos de fantasia liberada e o restabelecimento do esquema da ordem. E este foi um dos objetivos do programa: mostrar a realidade das

peessoas, levá-las às casas dos brasileiros e trazê-las de volta a tempo de que elas pudessem pegar seus ônibus e seguir em frente.

Durante todo o processo de construção do programa como um todo, desde a produção até a finalização, avalia-se que os alunos aprenderam e enfrentaram a rotina de trabalho de uma televisão. Além dos jornais diários, também é possível que haja jornalismo em programas que mostram a verdadeira face das pessoas de um determinado local ou região.

Reitera-se, também, a importância do processo de aprendizagem da edição do material, visto que os dias de externa renderam mais de três horas de captura, entre imagens de apoio e entrevistas. Um dos principais desafios foi manter o tempo do programa, de meia hora, previamente estabelecido pela professora, para deixar o material pronto com vinhetas, OFFs e entrevistas.

Com o auxílio deste trabalho, o grupo pode realizar funções nunca antes experimentadas, como a de operador de áudio, onde os estudantes que não estivessem filmando ou entrevistando teriam que revezar segurando o microfone direcional, o “shotgun”. Todos os alunos tiveram funções distintas durante a produção do programa, em forma de revezamento, rotina que pode ser comparada a de uma emissora de televisão de interior ou até mesmo universitária, por exemplo.

A criação do *Vida em Movimento* ainda levantou questões que o grupo julga serem importantes para o exercício do jornalismo hoje em dia, como a de contar histórias de pessoas comuns para que outras vejam e se identifiquem. A rotina de Catarina, Márcio, Daniel, Flávia, Marli, Nelci e Paulo se assemelham a tantas outras que se vê pelo Brasil afora. Por esse motivo o tema é relevante, afinal, talvez a maioria dos brasileiros goste de assistir televisão justamente pelo fato de conhecer indivíduos que possam se assemelhar a eles.

O futuro da TV certamente conta com o surgimento de novas tecnologias, mas a principal função da televisão é contar histórias que variam desde a realidade crua até a ficção total. Uma história interessante e que cativa o público sempre tem como trunfo a tecnologia. As histórias ainda serão contadas; contudo, já se podem vislumbrar alguns dos avanços tecnológicos que são sérios candidatos a transformar o futuro da televisão.

Além da forma narrativa, o jornalismo sintonizado com os interesses da população, demanda, cada vez mais, a busca de fontes autônomas de saber, inclusive uma aproximação com as universidades, revalorizando e reconhecendo as mediações da sociedade civil,

experiências coletivas fora das formas partidárias. Talvez seja esta a finalidade mais importante de um programa: servir à comunidade, priorizando a informação de utilidade pública e, se possível, com uma dose de “entretenimento”, para ajudar a desenvolver atitudes de reflexão.

Para Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima, em *Manual de telejornalismo* (2002), mesmo com toda a tecnologia digital disponível o jornalismo depende da velha e boa reflexão, investigação e divulgação. Essa barreira qualitativa não foi e não será rompida porque faz parte da própria essência do jornalismo, ainda que as mudanças quantitativas continuem aceleradas e mal percebidas.

O jornalismo diário, seja ele investigativo, cultural ou esportivo, consome os milhares e milhares de espectadores que passam o dia em busca de notícias. Desta forma, o grupo acredita que programas como o que foi produzido na disciplina de Laboratório de Produção Audiovisual I da UCS possam servir como entretenimento, que possam até mesmo produzir ou incentivar o conhecimento, a fim de ampliar o jornalismo de tal forma que as pessoas se ocupem também em encontrar um modo de refletir com a ajuda da televisão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. 2.ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002. 238 p.

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008. 141 p.

CROCOMO, Fernando. **TV digital e produção interativa: a comunidade manda notícias**. Florianópolis: UFSC, 2007. 178 p.

KELLISON, Cathrine. **Produção e direção para TV e vídeo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. xxiv, 419 p.

LINS, Aline Maria Grego. **A construção telejornalística sob o olhar processual**. In: PEREIRA JUNIOR, Alfredo Eurico Vizeu; MOTA, Célia Ladeira; PORCELLO, Flávio Antônio Camargo. **Telejornalismo: a nova praça pública**. Florianópolis, SC: Insular, 2006. 224 p.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 3.ed. São Paulo: SENAC, 2003. 244 p.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão: a vida pelo vídeo**. 7.ed. São Paulo, SP: Moderna, 1992. 119 p.